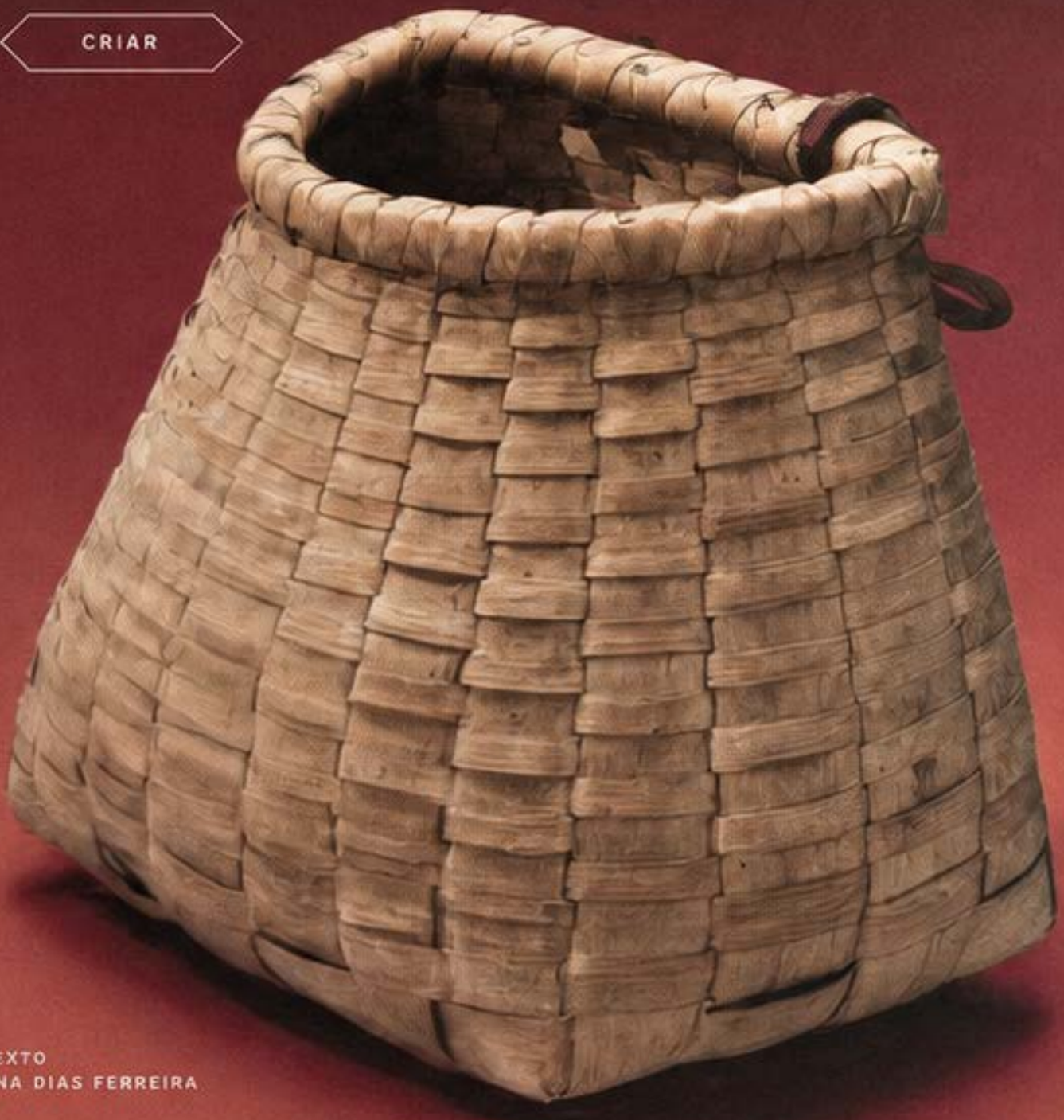
SEIS CESTOS ENTRE CENTENAS

CRIAR



TEXTO
ANA DIAS FERREIRA



Depois da exposição no Museu de Arte Popular, chegou o catálogo que mostra a riqueza e a diversidade de cestos em Portugal, um verdadeiro acervo de matérias-primas, técnicas, artesãos e mais de 200 cestos ao longo de duas centenas de décadas. Pedimos à curadora Astrid Suzano para escolher ssis.



ANTES do Migno, da Samil, da Fandagueira, já se faziam cestos em Portugal. "A origem dos cestos de verga ou de vime remonta ao Neolitico e a culturas mais antigas, que introduziram o entrelaçemento de materials vegetais como o junco ou outras fibras naturais", explica Astrid Suzano, curadora do livro *Seis Cestos Entre Centenas*, editado pelo Museu de Arte Popular, em 2021. "A arte de entrançar, usada inicialmene para fins práticos, evoluiu e diversificou-se de acordo com as necessidades locais e os recursos disponivlés. Hoje, esta tradição continua viva, tanto em contexto artesanal como em algumas pequenas produções contemporâneas, que demonstram a vitalidade e a capacidade de adaptação desta técnica aos tempos atuais."

Esta é uma história que se conta com seis cestos que fazem parte dos cerca de 200 inventariados no museu — um número que não abarca a totalidade dos cestos existentes no pais, mas que permite um olhar representativo da diversidade de formas, materials e contextos.

A Arte Popular resume-se, muitas vezes, a um objeto utilitário, no entanto, o processo de criação de um cesto envolve saber-fazer, conhecimento do território e uma profunda relação com o meio natural. "A cestaria é uma manifestação cultural que articula funcionalidade, estética e identidade, sendo um testemunho da relação entre as pessoas e os recursos do território", afirma a curadora. "É uma forma de expressão que transforma materials simples — como a verga, a cana, o giesto, a tabua ou o esparto — em objetos de grande riqueza formal, que refletem o saber acumulado ao longo de gerações e a adaptação às necessidades de cada comunidade."

Inspirada nas peças do Museu, "*Cesteira, que faz cestos de alvaska*", de Ernesto Macedo, ou "O cesteiro", de Fausto Sampaio, a curadora elaboroo um percurso que vai das matérias-primas ao objeto final. "Olhar para um cesto tradicional é, antes de tudo, reconhecer a relação entre o objeto e o lugar, entre o gesto e a paisagem. Cada cesto tem uma história, um uso, um nome e, muitas vezes, um lugar de origem bem definido. É essa multiplicidade que torna o cesto um objeto tão rico do ponto de vista etnografico, artistico e cultural."

Com os olhos no futuro da cestaria, a Passa ao Futuro tem promovido o contacto entre designers e artesãos para a criação de novos objetos, como o candeeiro Tempo, de Christian Haas e Isabel Martins.



UM CENTO DE CESTOS
UMA TECNOLOGIA PARA O SÉCULO XXI

DE ASTRID SUZANO E FATIMA DURKEE

EDIÇÃO IMPRENSA NACIONAL, 28€



fechado ou tão grandes como uma criança de oito anos. No espólio dos dois museus há até tendas em colmo ou junco, que não foram incluídas na exposição apenas por falta de espaço.

Feitos no Norte, no Sul ou nas ilhas, os objetos selecionados percorrem Portugal no espaço e no tempo e falam de "uma diversidade e riqueza enormes, para um país relativamente pequeno". Alguns têm mais de 80 anos e são acompanhados de fotografias a preto-e-branco das décadas de 1940 a 1960, em pleno uso. No livro são incluídas também várias ilustrações de Fernando Galhano, um dos fundadores do Museu de Etnologia.

No catálogo, tal como na exposição, não há, no entanto, um olhar nostálgico. A cestaria é apresentada como "uma tecnologia para o século xxi" e desse capítulo fazem parte os artesãos no ativo – "repositórios vivos do conhecimento e do saber-fazer da cestaria tradicional" a quem é dada uma cara e que têm nas mãos não só o passado mas também o futuro deste ofício.

Nesse sentido, nos últimos anos, a Passa ao Futuro tem organizado várias iniciativas para promover a inovação e a troca de conhecimento dentro da área, como *workshops* intensivos no verão (*os summer camps*), ou residências que colocam em diálogo designers e artesãos, para a criação de peças inovadoras que possam chegar a novos mercados. É o caso do cadeirão Pico, desenhado por Miguel Soeiro e feito por Fernando Nelas, em vime; do candeeiro Tempo, desenhado por Christian Haas e feito por Isabel Martins, e onde o baracejo é suportado por uma estrutura em aço e pedra moleanos; ou das cadeiras baixas Espartano, desenhadas por Henrique Ralheta e feitas por Isidoro Ramos, com uma estrutura de madeira criada pela marca De La Espada.

Desafiada a escolher seis cestos entre os mais de 200 do catálogo da exposição, Astrid Suzano escolheu diferentes funções e escalas, para "provar que a cestaria vai muito para além da cestinha", mas não só: "Uma das armadilhas para peixes que escolhi é um dos objetos que caiu em desuso, porque foi substituido pelo plástico, mas é importante perceber que a técnica usada para fazer estas armadilhas, que é muito engenhosa, pode ser aplicada noutro objeto", diz. "O exercício é pensar no que é válido fazer com o conhecimento precioso que os artesãos têm e no que já não vale a pena", continua. "As nossas necessidades têm mudado muito rapidamente, e os próprios artesãos acabam por não conseguir ser tão rápidos a reagir e a percebor o que podem fazer agora. Se houver inovação, no sentido de reimaginar e valorizar a cestaria, aí consegue-se atrair pessoas novas, do ponto de vista econónico também", conclui a curadora. "O objetivo final é sempre que haja continuidade." E que a conta continue a fazer-se, para lá dos 100.

“SERÃO AQUECER PARA OS PÉS” 3

ALCOBERTAS, TAMBÉM, 1935

Numa noite fria do sereno, aquecer os pés era mais do que conforto — era um ritual de cuidado e bem-estar, que se fazia com gestos simples e saberes antigos. Este aquecer, trançado em verga, é um desses objetos: feito de forma paciente, com matéria-prima local e um desenho que resiste ao tempo. Usado em lareiras, camas ou ao lado da mesa, acompanhava os dias mais frios das famílias rurais, levando calor e presença de forma discreta, mas constante.



“TANHO” ARMAZENAR PARA CEREAIS

BEIRA, ILHA DE SÃO JORGE, AÇORES, 1963



Com 1,2 metros de altura, este cesto era um importante aliado na preservação dos cereais, protegendo-os da humidade e das pragas ao longo dos meses mais quentes. Feito com soca, uma fibra resistente e comum na região, era usado sobretudo em contextos agrícolas, integrando o quotidiano de muitas famílias. Um exemplo da sabedoria popular em dar forma útil e duradoura aos recursos da terra.

5

CESTO DE ALMOFOS DE TRANSPORTE DE COMIDAS DOS TRABALHADORES

MONTEMOR-O-VELHO (SEM DATA)

Dentro do chamado "cesto das tertúlias", que acompanha os trabalhadores do campo na hora da refeição, guardavam-se não só os alimentos, mas também os gestos de partilha, o tempo de descanso e o sentido de encontro. Trançado com precisão e reforçado nas pegas, este cesto é um exemplo da funcionalidade dos objetos tradicionais, pensados para resistir ao uso diário e às exigências da vida ao ar livre.



6



SERRA PARA FICOS E DOCES

ESTREMOZ, ÉVORA, 1951

Tradicionalmente usada para conservar figos, doces ou outras iguarias, esta serra é um exemplo da versatilidade dos cestos na vida rural. Feita com verga, tem uma estrutura simples e resistente, e uma tampa que ajuda a manter o conteúdo protegido, longe da humidade e dos insetos. Um objeto de uso quotidiano, que cruza funcionalidade, cuidado e estética, e que testemunha a importância da cestaria no armazenamento e na conservação dos produtos da terra.